A MULHER NA NARRATIVA CINEMATOGRÁFICA: ESTUDO SOBRE O CONDICIONAMENTO FEMININO NAS NARRATIVAS HOLLYWOODIANAS E A SUA INFLUÊNCIA SOCIAL

Thamirys Ferreira Nunes[1]

Profª. Drª. Maria de Lourdes Balbinot de Lamônica Freire[2]

Apoio: PIBIC Mackenzie

RESUMO

Este artigo analisa a representação da mulher nas narrativas cinematográficas *hollywoodianas* e sua influência na construção do imaginário social e da identidade feminina. Parte-se da compreensão de que o cinema, para além do entretenimento, constitui um importante produtor e disseminador de signos, valores e ideologias, contribuindo historicamente para a naturalização de papéis sociais e relações de poder. A pesquisa investiga a construção de estereótipos e arquétipos femininos ao longo da história de Hollywood, com destaque para a Era de Ouro e para as transformações ocorridas posteriormente. Além disso, discute-se a influência do olhar masculino, da objetificação e do *star system* (sistema de estrelas) na construção de modelos de feminilidade associados à submissão, domesticidade, sexualização e padrões de beleza. O estudo também aborda as transformações decorrentes dos movimentos feministas e da crescente participação das mulheres na produção cinematográfica, especialmente em funções de direção, roteiro e produção. Embora sejam observados avanços na representação e na inserção feminina na indústria, os dados apresentados evidenciam a permanência de desigualdades nos bastidores de Hollywood. Portanto, a transformação das narrativas femininas se encontra diretamente relacionada à presença das mulheres em espaços de decisão e a possibilidade de produzirem e conduzirem suas próprias histórias, desconstruindo e ressignificando os arquétipos femininos cristalizados historicamente.

Palavras-chave: Cinema. Representação feminina. Hollywood.

ABSTRACT

This article analyzes the representation of women in Hollywood film narratives and its influence on the construction of the social imagination and female identity. It is based on the understanding that cinema, beyond entertainment, is an important producer and disseminator of symbols, values, and ideologies, contributing historically to the normalization of social roles and power relations. The study examines the construction of female stereotypes and archetypes throughout Hollywood's history, with a focus on the Golden Age and the transformations that occurred thereafter. Furthermore, it discusses the influence of the male gaze, objectification, and the star system on the construction of models of femininity associated with submission, domesticity, sexualization, and beauty standards. The study also addresses the transformations resulting from feminist movements and the growing participation of women in film production, especially in roles such as directing, screenwriting, and producing. Although progress has been observed in the representation and inclusion of women in the industry, the data presented highlight the persistence of inequalities behind the scenes in Hollywood. Therefore, the transformation of female narratives is directly related to

---

[1] Graduanda em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, com habilitação em Criação, pelo Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (CCL).

[2]Docente da Universidade Presbiteriana Mackenzie, atuando no Curso de Publicidade e Propaganda. Nucleadora responsável pelo Núcleo de Marketing Avançado do Mackenzie. Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) e mestre em Comunicação Social pela Universidade Paulista (UNIP). Pesquisadora e integrante do grupo de pesquisa Lab4C – Centro de Comunicação e Ciências Cognitivas da USP.

women’s presence in decision-making roles and their ability to produce and direct their own stories, thereby deconstructing and redefining historically entrenched female archetypes

Keywords: Film. Female Representation. Hollywood.

1. INTRODUÇÃO

A narrativa constitui um importante recurso de produção e transmissão de conhecimentos, valores e modelos de comportamento, organizando formas de interpretar a realidade e legitimando normas, crenças e relações de poder. Segundo Barthes (2011), ela pode se manifestar por meio da linguagem, da imagem, dos gestos ou da combinação desses elementos, ou seja, está além do entretenimento e atua na construção simbólica da experiência humana. Nas sociedades patriarcais, essa função contribuiu para consolidar representações binárias dos papéis sociais. Nessas narrativas, as personagens femininas eram frequentemente associadas à maternidade, ao casamento, à sedução ou ao destino dos heróis, enquanto os homens ocupavam o centro da ação. Esse padrão também se perpetuou no teatro e na literatura, por meio de figuras como a donzela em perigo, o interesse romântico, a mulher fatal ou a feiticeira, reforçando expectativas e normas sociais sobre o feminino.

Com o surgimento do cinema no século XIX, essas estruturas narrativas passaram a ser incorporadas a uma nova forma de expressão cultural, capaz de produzir e disseminar significados em diferentes contextos históricos. O cinema não apenas reproduz narrativas ancestrais, mas também pode naturalizar ideologias e modelos sociais. Nesse processo, o roteiro e a direção ocupam papéis centrais, pois organizam personagens, conflitos e sentidos que estruturam a experiência audiovisual. Conforme Gubernikoff (2016), a lógica que sustenta a ação do filme está no roteiro, responsável por conferir unidade aos elementos da obra. Assim, compreender a representação feminina no cinema exige também questionar quem historicamente ocupou o lugar de construir essas narrativas e quais visões de mundo foram privilegiadas na produção dos significados cinematográficos.

Barthes (2011) ainda compreende a imagem como um sistema de significação cuja força comunicativa frequentemente se sobrepõe à linguagem escrita. Em primeiro nível, a imagem opera pela denotação, apresentando aquilo que aparentemente se oferece como uma descrição objetiva da realidade. Entretanto, esse significado imediato é atravessado pelo segundo nível de leitura intitulado por ele como mito, no qual se constroem significados conotativos que naturalizam valores, crenças e ideologias historicamente produzidas. Assim, aquilo que parece representar apenas um fato passa a funcionar como um discurso que legitima determinadas formas de compreender o mundo.

Sob essa perspectiva, o cinema consolidou-se, no contexto da sociedade capitalista, como um dos mais importantes sistemas de produção de significado. Para além de sua dimensão artística e de sua inserção na indústria cultural, constitui um espaço privilegiado de circulação de discursos e representações sociais. Através das imagens e narrativas há a

produção de sentidos que ultrapassam a representação imediata dos acontecimentos, formulando sentidos conotativos que naturalizam determinadas ideologias. Para além do entretenimento, o cinema influencia tendências e comportamentos, estabelecendo relações com a publicidade, a política e a cultura de consumo, uma vez que também constitui um espaço no qual a sociedade expressa seus desejos e legitima seus valores.

Nesse processo, o cinema mobiliza mecanismos psicológicos capazes de envolver profundamente o espectador. Segundo Gubernikoff (2016), a indústria cinematográfica não produz apenas filmes, mas também o desejo de frequentar as salas de exibição. Para isso, desde seus primórdios, apropriou-se de estruturas narrativas já familiares ao público, favorecendo processos de reconhecimento e identificação. Entre essas matrizes narrativas destacam-se os mitos greco-romanos, as narrativas bíblicas, os contos populares e as adaptações literárias, que forneceram personagens, conflitos e modelos dramáticos posteriormente reelaborados pela linguagem da sétima arte.

A identificação em um filme através da narrativa é central na experiência cinematográfica. É nesse processo que o personagem, e até mesmo o ator, se tornam espelhos do espectador, despertando reconhecimento, projeção e envolvimento emocional com o público. Paralelamente, o cinema também opera por meio do voyeurismo, conceito com origem na psicanálise que designa o prazer obtido pelo ato de observar sem ser observado. Dentro da sala de exibição, o espectador ocupa uma posição privilegiada diante da tela, onde acompanha ações, desejos e conflitos sem participar deles diretamente. A ficção, neste contexto, amplia um mundo de possibilidades, permitindo aquilo que a realidade, por vezes, não comportaria.

É justamente nessa dinâmica que a objetificação da mulher encontra um terreno fértil para sua reprodução. A figura feminina passa a ser construída como objeto privilegiado da contemplação visual, associada à beleza, à sensualidade e ao desejo. Seu corpo torna-se um elemento de atração, cuja função frequentemente se sobrepõe à sua participação efetiva no desenvolvimento da narrativa. A autora Laura Mulvey, ao formular o conceito de *male gaze* (olhar masculino), demonstra que o cinema clássico *hollywoodiano* organiza seu discurso visual a partir de uma perspectiva masculina. Neste modelo, a mulher desempenha menos o papel de agente da narrativa e ocupa o espaço de elemento visual destinado à contemplação, se tornando sinônimo de espetáculo.

Essa lógica possui raízes em modelos simbólicos muito anteriores ao surgimento do cinema. As narrativas mitológicas pautadas no sistema patriarcal, especialmente no Ocidente, contribuíram para delimitar os papéis sociais femininos em torno da maternidade, do cuidado doméstico e, principalmente, da sexualidade. Ao longo da história, tais

representações foram continuamente reproduzidas pela cultura, entre elas o próprio cinema. Como os meios de produção simbólica permaneceram predominantemente sob controle masculino, a representação da mulher passou a refletir os desejos, expectativas e fantasias deste olhar dominante, consolidando estereótipos que reforçam sua sexualização e sua posição subordinada, como afirma Mulvey (2018):

> A mulher, desta forma, existe na cultura patriarcal como o significante do outro masculino, presa por uma ordem simbólica na qual o homem pode exprimir suas fantasias e obsessões através do comando linguístico, impondo-as sobre a imagem silenciosa da mulher, ainda presa a seu lugar como portadora de significado e não produtora de significado. (MULVEY, 2018, p. 421)

Deste modo, a imagem feminina no cinema deixa de constituir apenas um recurso narrativo para converter-se em um signo carregado de valores sociais e culturais. Ao transformar a mulher em objeto privilegiado do olhar masculino, a linguagem cinematográfica participa da reprodução de relações de poder que ultrapassam a tela e influenciam a forma como o feminino é percebido na sociedade.

A análise proposta por Mulvey dialoga diretamente com a teoria semiológica de Barthes. Se o mito transforma construções históricas em verdades aparentemente legítimas, o cinema opera como um dos principais dispositivos responsáveis por essa naturalização. As representações femininas deixam de ser percebidas como construções ideológicas e passam a ser interpretadas como reflexos espontâneos da realidade. A autora E. Ann Kaplan argumenta que a imagem da mulher, ao ser elevada ao plano da denotação, oculta sua dimensão conotativa e reproduz significados moldados pelas necessidades do patriarcado.

> Por exemplo, a frase "Uma mulher está se despindo", ou a imagem de uma mulher que se despe, não pode permanecer no nível denotativo da informação factual, é imediatamente elevada ao nível das conotações - sua sexualidade, sua desejabilidade, sua nudez, em tal discurso ela é instantaneamente objetificada, situada em termos de como pode ser usada para a gratificação do macho [...] nossa cultura interpreta frases e imagens, apesar de esses significados serem apresentado como naturais, denotativas, porque a camada de contação está mascarada, oculta. (KAPLAN, 1995, p. 38).

Entre os diversos modelos cinematográficos que consolidaram esse regime de representação, o cinema *hollywoodiano* ocupa posição central. Hollywood surgiu no início do século XX e consolidou-se como a principal indústria cinematográfica graças ao sistema de produção, em que os grandes estúdios detinham o controle de todas as etapas da realização dos filmes juntamente ao *star system* (sistema de estrelas). Antes da consolidação dos grandes estúdios, atores e atrizes eram pouco identificados por seus nomes, sendo reconhecidos sobretudo pelos personagens. Com a ascensão dos estúdios,

as estrelas passaram a protagonizar a promoção dos filmes, atraindo o público, impulsionando as bilheterias e estimulando o consumo de produtos associados às suas *personas*, principalmente no que se diz respeito ao público feminino.

Ao estabelecer padrões narrativos e estéticos que se difundiram internacionalmente, Hollywood exerceu papel decisivo na formação da linguagem cinematográfica contemporânea e na construção do imaginário social acerca da mulher moderna. Investigar suas narrativas significa, portanto, compreender não apenas a evolução do cinema enquanto indústria cultural, mas também os mecanismos pelos quais determinadas representações femininas foram historicamente legitimadas e disseminadas em escala global.

> [...] o cinema clássico não só disseminou uma forma de produção de filmes, mas também e principalmente valores e ideologias enraizados socialmente [...] O que se discute aqui é o fato de que desde o início da história do cinema como espetáculo, em um século em que vimos crescer o domínio da imagem, o cinema americano foi conivente com as ideologias patriarcalistas, originando a representação de uma imagem da mulher "cativa" (GUBERNIKOFF, 2016, p. 128)

1.1. PROBLEMA DE PESQUISA E JUSTIFICATIVA

Este estudo parte do interesse em investigar o cinema como um importante agente de produção de signos sociais e de compreender seu impacto na construção de imaginários e identidades, tendo a representação da mulher como eixo central de análise. Para além das formas pelas quais as personagens femininas são representadas nas telas, busca-se discutir o espaço ocupado pelas mulheres nos bastidores da indústria cinematográfica e a importância da presença de diretoras, roteiristas e demais profissionais na condução de narrativas femininas.

Parte-se do pressuposto de que a ampliação da participação feminina na produção audiovisual contribui para o enfrentamento das estruturas historicamente marcadas pelo machismo e favorece a construção de um ambiente profissional mais equitativo, no qual as mulheres não sejam subordinadas ou marginalizadas em razão de seu gênero. Diante desse cenário, este artigo busca responder à seguinte questão: de que maneira as narrativas cinematográficas hollywoodianas, pautadas no olhar masculino, contribuíram para consolidar determinados arquétipos femininos e quais transformações podem ser observadas, ao longo dos anos, nos papéis desempenhados pelas mulheres diante e por trás das telas?

O autor Michel Foucault, em A Ordem do Discurso (1971), argumenta que a produção dos discursos em uma sociedade não ocorre de forma livre, mas é regulada por mecanismos de controle, seleção e distribuição que delimitam sua circulação e seus efeitos. É nesse processo que se estabelecem disputas por poder e legitimidade, portanto, o cinema

pode ser compreendido como um dispositivo discursivo capaz de difundir, reforçar ou transformar representações sociais. Quando historicamente dominado por determinados grupos, esse meio tende a cristalizar valores, estereótipos e signos que influenciam a percepção social sobre diferentes sujeitos, entre eles a mulher.

Sob essa ótica, considerando a problemática que envolve a construção da identidade feminina nas narrativas cinematográficas, este artigo busca contribuir para o debate acerca da representação da mulher nas telas e das relações de poder que permeiam sua produção. Para tanto, a discussão será desenvolvida a partir da identificação da representação e da condução narrativa das personagens femininas no cinema *hollywoodiano* e e seus impactos sociais, com enfoque principalmente na Era de Ouro de Hollywood e nas transformações ocorridas ao longo do desenvolvimento do cinema norte-americano.

1.2. OBJETIVO GERAL E ESPECÍFICOS

O objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar a condução narrativa atribuída às mulheres através do cinema, bem como a observância das transformações destes papéis ao longo dos anos na indústria *hollywoodiana*.

Especificamente busca-se:

- Analisar o impacto do cinema na construção da mulher moderna na Era de Ouro de Hollywood;
- Compreender as estruturas narrativas femininas, considerando suas especificidades simbólicas, culturais e psicológicas;
- Entender a impacto da representação feminina na indústria cinematográfica e;
- Analisar o papel feminino nos bastidores da indústria cinematográfica através de dados quantitativos.

A metodologia adotada para fundamentar as análises deste artigo consiste na revisão bibliográfica, considerando os aspectos socioculturais e históricos relevantes para a compreensão do tema e para o direcionamento da pesquisa. Nesse sentido, o levantamento teórico busca estabelecer parâmetros que contribuam para a atualização das discussões e para a ampliação da reflexão acerca da representação feminina nas narrativas cinematográficas. Para a construção deste estudo, destacam-se as contribuições de GUBERNIKOFF (2009; 2016), KAPLAN (1995), KELLNER (2001; 2020), LOURO (2000) e MULVEY (2018) cujas obras oferecem referenciais importantes para compreender a construção social da imagem da mulher, especialmente no contexto cinematográfico e nas estruturas narrativas que influenciam sua representação.

Além da revisão bibliográfica, a pesquisa também se fundamenta em dados estatísticos publicados pela Forbes Brasil e pelo coletivo de pesquisa *Center for the Study of Women in Television & Film*, da Universidade de San Diego (2025). Essas informações complementam a análise teórica ao evidenciar a participação feminina na indústria cinematográfica, contribuindo para contextualizar a relevância do estudo e reforçar a necessidade de discutir a presença e a representatividade das mulheres tanto diante quanto por trás das telas.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

Hollywood surgiu, em grande medida, como resultado da tentativa de desvinculação do monopólio exercido pela MPPC (*Motion Picture Patents Company)*, consórcio criado em 1908 sob a liderança de Thomas Edison, que reunia empresas detentoras de patentes relacionadas à produção e à exibição dos filmes. A organização buscava regulamentar o setor e controlar diferentes etapas da cadeia cinematográfica, estabelecendo condições para o uso de equipamentos, produção e distribuição. Nesse cenário, as produtoras independentes enfrentavam restrições para distribuir suas obras, enquanto os *nickelodeons*[3] e demais exibidores também estavam submetidos às regras estabelecidas pelo consórcio. Essas imposições geraram insatisfação entre empresários do setor, levando alguns produtores a buscarem equipamentos e tecnologias europeias como alternativa ao controle exercido pela MPPC. Em resposta, o consórcio passou a adotar medidas legais contra produtores que utilizavam equipamentos não licenciados, intensificando o conflito entre as empresas vinculadas à MPPC e os chamados “produtores independentes". Para escapar dessas restrições, parte desses produtores migrou para o Oeste dos Estados Unidos, especialmente para a Califórnia, onde encontraram condições favoráveis à produção e maior distância das estruturas de controle estabelecidas no leste do país. Esse movimento contribuiu para a consolidação de Hollywood como centro da produção cinematográfica norte-americana e para o desenvolvimento do sistema de estúdios, posteriormente associado à criação e à consolidação do *star system*, responsável por transformar atores e atrizes em grandes estrelas e importantes instrumentos de promoção e comercialização dos filmes.

O *star system* desempenhou um papel fundamental na construção cultural e social da mulher moderna. Conforme afirma Gubernikoff (2016), "através do *star system*, com seus estereótipos femininos, o cinema americano indiretamente contribuiu para reforçar comportamentos que acabaram por desembocar na crise de identidade da mulher nos dias atuais" (p. 43). Nesse período, as atrizes tornaram-se referências de comportamento, moda

[3]Primeiras salas comerciais dedicadas à exibição de filmes nos Estados Unidos, no início do século XX. O nome vem da combinação da palavra “*nickel*” (moeda de cinco centavos) e “*odeon*” (casa de espetáculo).

e beleza, influenciando a construção do imaginário social acerca do feminino. Suas imagens difundiam modelos de feminilidade que excediam as telas de cinema, estabelecendo padrões estéticos e comportamentais que passaram a orientar expectativas sociais sobre o papel da mulher.

A consolidação deste sistema foi essencial para que os arquétipos femininos começassem a ser trabalhados e para isso o trabalho do diretor D. W. Griffith foi de extrema importância, sendo considerado um dos principais responsáveis pela valorização da figura dos atores como elemento central das narrativas. Em suas produções, consolidaram-se personagens baseadas na pureza, inocência, delicadeza e submissão, atributos que reforçavam uma imagem idealizada e frequentemente infantilizada da mulher. Nesse contexto, Mary Pickford destacou-se como uma das primeiras grandes estrelas de Hollywood, tornando-se a personificação desse ideal feminino. O cinema, neste período, ainda possuía raízes populares, com características do moralismo cristão e visões pautadas na honra, no trabalho e na família. A partir de 1914, com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, o patriotismo nos Estados Unidos e as transformações sociais decorrentes do conflito contribuíram para o refinamento da linguagem cinematográfica, proporcionando a consolidação de um novo público: a burguesia e as mulheres.

Com a guerra, os filmes românticos ganharam maior destaque. Nesse contexto, enquanto parte dos homens estava no campo de batalha, as mulheres passaram a ocupar um lugar de maior interesse nas produções cinematográficas . Além disso, a ida ao cinema passou a integrar os hábitos de lazer da burguesia ascendente, logo, os temas representados precisavam ser atualizados, de modo que os filmes dialogassem com os novos espectadores; o herói deixou de ser representado exclusivamente como um trabalhador humilde defensor da honra, enquanto a heroína abandonou o estereótipo da jovem ingênua que escolhia permanecer na pobreza ao lado de seu amado. Em seu lugar, emergiu a figura da mulher sofisticada, inteligente, refinada e, muitas vezes, materialista, refletindo novos ideais de feminilidade e ascensão social.

Nesse cenário, a representação da mulher virginal e inocente já não ocupava sozinha as telas, passando a coexistir com personagens mais sensuais, complexas e dotadas de maior autonomia. Atrizes como Theda Bara, considerada a primeira vamp[4] do cinema; Greta Garbo, cuja beleza exótica e presença enigmática contribuíram para a construção de uma nova feminilidade; e Alla Nazimova, celebrada como a “maravilha do cinema”, passaram a encarnar personagens que ampliavam os limites tradicionalmente

[4]Arquétipo feminino marcado pelo exotismo, sensualidade e poder de sedução. Representada como uma figura predatória e perigosa, utiliza sua sexualidade para atrair e dominar os homens, frequentemente conduzindo-os à ruína.

impostos às figuras femininas. Nazimova, em particular, destacava-se por interpretar mulheres que, além de expressarem emoções e conflitos — atributos já associados às personagens femininas —, eram também inteligentes e astutas, características historicamente reservadas aos personagens masculinos. Assim, a sensualidade dessas atrizes não se restringia à aparência, mas integrava uma transformação mais ampla na configuração das narrativas cinematográficas. Com a flexibilização dos padrões morais, o cinema passou a explorar de maneira mais explícita a sexualidade, os desejos e os conflitos psicológicos de suas personagens, contribuindo para a construção de novas formas de representação da mulher nas telas. O diretor Cecil B. DeMille*,* com sua roteirista Jeanie MacPherson, explorou amplamente esta nova dinâmica narrativa, abordando temas como divórcio, maternidade, consumo de álcool e outros dramas das vidas das mulheres modernas, refletindo as transformações sociais em curso. As produções de DeMille também foram importantes para a promoção da lógica capitalista de consumo entre o público feminino, especialmente por meio da articulação entre o cinema e as campanhas publicitárias.

Apesar do salto na abordagem temática, tais representações despertaram forte reação dos setores mais conservadores da sociedade norte-americana, entrando em vigor o Código Hays, um sistema de censura que passou a regulamentar rigorosamente os conteúdos produzidos em Hollywood, o código restringia qualquer abordagem que pudesse ofender as instituições e os valores morais defendidos pelos setores conservadores. A adoção deste código representou um retrocesso na liberdade criativa do cinema e afetou diretamente a representação feminina nas telas, uma vez que limitou a abordagem da sexualidade, da autonomia e da independência das personagens, reforçando novamente os modelos tradicionais de feminilidade e o papel da mulher como guardiã da moral e da instituição familiar.

No entanto, essa realidade perdurou apenas até a Grande Depressão, iniciada em 1929 e intensificada ao longo da década de 1930. A moralidade passou a operar de maneira velada, enquanto a indústria cinematográfica buscava estratégias para atrair o público em meio à crise econômica. Como observa Gubernikoff (2016) “a temática de Hollywood girava em torno de ‘sexo, álcool e foxtrote’, a fim de atrair um público sem recursos financeiros” (p. 58). Nesse cenário, atrizes como Mae West e Rita Hayworth passaram a ser associadas a papéis que exploravam e enfatizavam sua sensualidade, utilizando o corpo feminino como recurso de apelo visual e instrumento de atração do público.

Com a Segunda Guerra Mundial, mais mulheres passaram a ocupar postos de trabalho, estabelecendo uma nova configuração social. Entretanto, com o fim do conflito, houve uma tentativa de restabelecer a ordem social anterior e reafirmar os valores

associados à família tradicional, incentivando o retorno delas ao espaço doméstico. Mesmo não podendo conter a “nova mulher moderna”, a mídia precisou então integrar em suas histórias dilemas entre família e carreira, liberdade e a repressão sexual (LOURO, 2000). É neste cenário que emergem os filmes *noir*, trazendo uma nova condução nas tramas das produções cinematográficas desta época, como apresenta Fernanda Ianoski Ferro (2021) “[...] proponentes do *noir* ainda afirmam que estes filmes serviram para a propagação da cultura da desconfiança no pós-guerra americano, ou seja, a intensa rivalidade entre o masculino e o feminino” (p. 05), fazendo com que as representações femininas assumissem contornos particularmente ambíguos e problemáticos.

As mulheres nestas tramas são retratadas a partir de dois arquétipos opostos. Por um lado, temos a figura da femme fatale, cuja sexualidade é constantemente explorada Representadas como malignas, essas personagens são independentes, agressivas, ambíguas e associadas à ameaça e à transgressão, capazes de levarem os protagonistas masculinos a sucumbirem à sua moralidade ou até à morte. Contudo, suas atitudes sempre possuem consequências, costumeiramente sendo punidas ou castigadas, reafirmando, ao final, as normas sociais que haviam sido desafiadas. Em oposição à femme fatale, encontram-se as mulheres domésticas, geralmente representadas como namoradas ou esposas do protagonista. Essas personagens são passivas, inertes e submissas aos seus companheiros, tendo suas ações frequentemente subordinadas aos interesses masculinos.

Deste modo, o filme *noir* contribuiu para construir a oposição entre a mulher transgressora, associada ao perigo e à desordem, e a mulher doméstica, apresentada como o modelo de normalidade e estabilidade a serem seguidos. Além disso, essa dicotomia se manifesta na representação da infidelidade, na qual, os comportamentos femininos e masculinos são julgados de maneiras diferentes. Enquanto as personagens *femme fatales* são apresentadas como as “destruidoras de lares” e, consequentemente, punidas pela solidão ou à morte, os homens, por sua vez, são retratados como as vítimas enfeitiçadas, tendo sua responsabilidade moral relativizada. Ao final da narrativa, é comum que o protagonista masculino retorne aos braços da sua verdadeira amada, geralmente caracterizada pela mulher doméstica, que o acolhe e o perdoa de bom grado, reafirmando a valorização da estabilidade conjugal juntamente aos papéis tradicionais de gênero.

Como mencionado anteriormente, o *star system* exercia um rigoroso controle sobre a imagem pública de suas atrizes, bem como sobre a seleção e a gestão dos filmes nos quais elas atuavam. Consequentemente, as personagens femininas, em uma indústria majoritariamente masculina, são estruturadas a serviço de um elemento masculino, concebidas e dirigidas sob essas perspectivas, que não se restringiam ao universo ficcional, mas também repercutiam na construção da imagem pública das próprias artistas. Estrelas

como Marilyn Monroe, Audrey Hepburn, Greta Garbo e Elizabeth Taylor tiveram suas *personas* cuidadosamente elaboradas pela indústria, transformando suas aparências, comportamentos e estilos de vida em referências de feminilidade para o público com contribuição direta das revistas e folhetins. Essa imposição de papéis e representações, contudo, nem sempre eram aceitas de forma passiva pelas próprias atrizes. A atriz *J*ean Harlow, em entrevista concedida à revista *Variety*, em 1931, já manifestava seu descontentamento em relação às personagens que interpretava:

> Há dois tipos de diferentes pessoas: a Jean Harlow que eu sou e a Jean Harlow que vejo na tela. Estou cansada de ser essa moça. Os admiradores, principalmente o público feminino, a odeiam.[...] Como posso esperar alguma simpatia do público quando eu mesma não sinto nenhuma pelos papéis que sou obrigada a representar?... As mulheres são a espinha dorsal da popularidade da bilheteria. Por que razão tenho que desvalorizá-las deliberada (WALKER, 1970 apud GUBERNIKOFF, 2016, p.59)

Portanto, o *star system* não apenas comercializava as atrizes como estrelas, mas também contribuía para a fetichização e a idealização feminina, através do consumo. Por meio das telas, Hollywood vendia não apenas a mulher como objeto de desejo, mas também um estilo de vida marcado pelo glamour, pelo sucesso e pela promessa de autorrealização. Estabelecia-se uma tensão entre o “ser” e “ter”, na qual a construção da identidade passava também pela aquisição de bens, aparências e comportamentos associados às estrelas cinematográficas (GUBERNIKOFF, 2016). É neste lugar que surge a fascinação da mulher pelo cinema, que se entrega ao narcisismo, induzidas ao consumo de revistas, roupas, acessórios e produtos associados às atrizes, deste modo as espectadoras eram incentivadas a reproduzir seus estilos e modos de vida, e a necessidade de se assemelhar ao panteão *hollywoodiano*.

Nos anos 1950 a 1960, o cinema passa por uma crise com advento da televisão, entrando em declínio o *star system,* bem como a Era de Ouro de Hollywood. Nesta época, as telas exploraram uma feminilidade infantilizada, cercada de clichês de gênero, que as vendiam como objeto sexual ou romanticamente excessivas, nada além que contemplassem suas vidas reais, em sua maioria, retratadas em função de um relacionamento romântico. É neste âmbito que adentram as teóricas feministas no universo do cinema, impulsionadas pela segunda onda do movimento feminista e da contracultura, através da visão psicanalítica, buscam questionar o papel feminino dentro e fora das telas.

Paralelamente, nesse mesmo período, evidencia-se uma crise nas estruturas patriarcais e nas concepções tradicionais de masculinidade, a qual as bases já vinham sendo tensionadas desde a Segunda Guerra Mundial e foram ainda mais intensificadas pelas transformações sociais e econômicas ao longo dos anos. A redefinição dos papéis de gênero, impulsionada pelo movimento feminista, colocou em questão a figura masculina

como principal provedor da família. Nesse cenário, parte dos homens passou a perceber essas transformações como uma ameaça à sua posição social, especialmente diante das mudanças no mercado de trabalho e da perda de determinados espaços de poder e status. Como observa Kimmel:

> [...] throughout history men have been impelled to prove their masculinity through socially approved means and social roles, and he discusses a crisis of masculinity in the modern era when with the decline of industrial labor, many men lost their jobs and status as home providers, and then in the 1960s felt themselves under attack by feminism and other movements. (KIMMEL apud KELLNER, 2020, p. 159)[5]

A partir dos anos 1970, tornam-se evidentes os reflexos das discussões promovidas pelas teóricas feministas, resultando em mudanças graduais na construção narrativa feminina das produções cinematográficas. Ganham notoriedade os filmes protagonizados e dirigidos por mulheres, que deixam de atribuí-las exclusivamente à sedução e passam a representá-las em busca da sua independência, autonomia, igualdade e até representarem a existência de relacionamentos homoafetivos, em filmes como *Girlfriends* (1978) de *Claudia Weill*, *Desert Hearts* (1986) de *Donna Deitch* e *Working Girls* (1986) de *Lizzie Borden*. É também nesta circunstância que se ampliam os espaços para que as mulheres demonstrem suas habilidades técnicas em funções como direção e produção, impulsionados pela criação de festivais e mostras voltadas ao cinema feminino.

Já nas décadas 1980 e 1990, retoma-se a onda de conservadorismo e patriotismo norte-americano oriundos da Guerra Fria, com narrativas centradas na perspectiva militar, nas experiências de guerra e na reafirmação de valores tradicionalmente masculinos. Produções como *Rambo* (1982) e *Top Gun* (1986) exaltam suas figuras masculinas em sua virilidade, força e potência física. Paralelamente, filmes como Instinto Selvagem (1992) e Atração Fatal (1987) trazem novamente a imagem da mulher neurótica e dúbia encarnada na *femme fatale*. Segundo Douglas Kellner, essa configuração narrativa busca reafirmar novamente os valores masculinos que haviam sido tensionados pelos movimentos sociais e pelas transformações culturais das décadas de 1960 e 1970. Nesse sentido, a representação feminina no cinema volta a assumir contornos marcadamente sexistas, sobretudo ao enquadrar personagens como ameaça à ordem masculina ou como objeto de desejo e sedução.

[5]Tradução: [...] ao longo da história, os homens têm sido levados a provar sua masculinidade por meio de formas e papéis sociais aceitos pela sociedade, e ele aborda uma crise da masculinidade na era moderna, quando, com o declínio do trabalho industrial, muitos homens perderam seus empregos e seu status de provedores da família e, posteriormente, na década de 1960, sentiram-se atacados pelo feminismo e por outros movimentos.

> Numa leitura diagnóstica, Top Gun expressa o medo de que o poder masculino esteja sendo ameaçado pelas mulheres na sociedade atual e realiza um resgate de privilégios. Certo número de filmes dos anos 1980 e 1990 também apresenta mulheres fálicas como ameaça ao poder masculino e à domesticidade familiar. Parte daquilo que Susan Faludi diagnosticou como reação da mídia ao feminismo (1991), filmes como Atração fatal e Instinto selvagem, retrata mulheres fortes, solteiras, independentes e bem sucedidas numa visão extremamente negativa. A vilã de Atração fatal (1986), uma editora solteira e bem-sucedida chamada Alex e representada por Glenn Close; seduz um homem casado, Dan Gallagher (representado por Michael Douglas), e passa a persegui-lo obsessivamente, procurando destruir seu casamento e apoderar-se dele (KELLNER, 2001, p.151).

Nos anos 2000, Hollywood focava nos melodramas e nas comédias românticas, contexto em que se popularizaram os *chick films* (filmes para mulheres). Nessas histórias, a representação convencional feminina permanecia presente, frequentemente inserida em ambientes urbanos e envolvida com questões relacionadas à carreira, aos relacionamentos, ao consumismo, à moda e à feminilidade. Filmes como Legalmente Loira (2001), O Diabo Veste Prada (2006) e Meninas Malvadas (2004) exemplificam narrativas que exploram personagens independentes e profissionais, mas que, simultaneamente, são inseridas em contextos marcados pela rivalidade feminina, pela valorização da aparência e pelas pressões sociais relacionadas aos padrões de beleza e comportamento. Dessa forma, embora essas produções apresentem mulheres mais autônomas e inseridas no mercado de trabalho, ainda reduzem suas participações à aparência, ao consumo e à competitividade.

Como ressaltado anteriormente, as representações do feminino no cinema foram, em grande medida, construídas a partir de concepções idealizadas, com origem na perspectiva masculina, uma vez que os principais responsáveis pela condução dessas narrativas eram, predominantemente, homens. Diante disso, torna-se necessário questionar: onde estavam as mulheres para além das telas e qual é, atualmente, o seu espaço na indústria, especialmente nos bastidores? Embora elas tenham desempenhado papéis fundamentais na construção da linguagem cinematográfica moderna, atuando como montadoras, roteiristas, produtoras e diretoras, suas contribuições foram, em uma sociedade marcada por estruturas patriarcais, submetidas a um processo de apagamento histórico. Durante a Era de Ouro de Hollywood, as oportunidades destinadas à essas profissionais nos bastidores eram ainda mais restritas, o que contribuiu para que suas trajetórias e contribuições fossem pouco reconhecidas pela historiografia do cinema. A partir da década de 1960, entretanto, impulsionadas pelas transformações sociais e pelo movimento feminista, o público feminino passou a reivindicar de maneira mais incisiva seu espaço na sociedade e na indústria cinematográfica. Apesar disso, Hollywood ainda apresentava resistência à incorporação dessas novas perspectivas, levando muitas cineastas a encontrarem no cinema independente, especialmente por meio de curtas-metragens e documentários, um espaço

para desenvolver e apresentar suas próprias narrativas. Gradualmente, essas produções contribuíram para ampliar a presença feminina na indústria *mainstream*. Mais recentemente, outra importante ruptura ocorreu com o movimento #MeToo (2017)[6] que ganhou força ao denunciar casos de assédio, violência e desigualdade de gênero nos bastidores de Hollywood, ampliando o debate sobre as condições de trabalho das mulheres e sobre a necessidade de maior representatividade e equidade no setor.

No entanto, apesar de tais conquistas, a participação das mulheres contando suas histórias ainda permanece reduzida. Segundo dados do *Center for the Study of Women in Television & Film* (2025), vinculado à Universidade Estadual de San Diego, apenas 13% dos diretores dos 250 filmes de maior bilheteria de 2025 eram mulheres. Elas também ocuparam 28% dos cargos de produção, 20% dos cargos de roteiro e apenas 7% das funções de cinegrafistas. A pesquisa ainda aponta que 71% desses filmes empregaram entre 0 e 5 mulheres em posições relevantes, enquanto somente 7% contaram com 10 ou mais mulheres em cargos de destaque. Em contraste, apenas 7% dos filmes empregaram entre 0 e 5 homens, ao passo que 75% contaram com 10 ou mais homens em posições de destaque.

Considerando a repercussão do movimento #MeToo em 2017, observa-se que o avanço feminino nos bastidores de Hollywood ocorreu de forma tímida na última década. A participação de mulheres passou de 17% para 23%, enquanto a hegemonia masculina reduziu-se de 83% para 77%, indicando uma lenta abertura ao protagonismo feminino na indústria. Ainda assim, as mulheres diretoras ocupam um espaço significativamente reduzido: em 2025, elas representaram apenas 10% dos diretores que atuaram nos 100 maiores filmes do ano. Outro dado relevante demonstra que produções dirigidas por mulheres tendem a contratar mais profissionais femininas em outras funções, sendo 71% roteiristas, 28% editoras e 22% cinegrafistas, enquanto em produções comandadas por homens empregam apenas 11% roteiristas, 19% editoras e 5% cinegrafistas.

O reconhecimento em premiações também constitui um indicador da limitada abertura concedida às mulheres no cinema. O Oscar, uma das principais premiações do cinema *hollywoodiano* e mundial, apresentou, em quase 100 anos de existência, um cenário de forte desigualdade de gênero. Segundo estudo da Forbes Brasil (2025), das 1.695

[6]Movimento contra o assédio e a violência sexual, criado pela ativista Tarana Burke em 2006 e popularizado mundialmente a partir de 2017, especialmente após uma série de denúncias de abuso e assédio sexual envolvendo profissionais de destaque da indústria cinematográfica de Hollywood. O movimento tornou-se um importante espaço de denúncia e compartilhamento de experiências, evidenciando relações de poder e práticas de violência de gênero historicamente naturalizadas no meio audiovisual. No contexto do cinema, o #MeToo ampliou o debate sobre assédio, abuso e desigualdade de gênero nos espaços de trabalho, além de contribuir para a responsabilização pública de agressores e para o questionamento das estruturas que permitiam a manutenção desses comportamentos.

vitórias distribuídas nas 18 principais categorias — desconsiderando as categorias de melhor atriz e atriz coadjuvante — apenas 17,88% foram destinadas a mulheres ou grupos com ao menos uma mulher, em contraste com 82,12% de vitórias masculinas. As mulheres destacaram-se majoritariamente em apenas duas categorias: figurino (69%) e maquiagem (61%), evidenciando uma associação histórica entre a presença feminina e áreas ligadas à beleza e à costura.

No campo da direção e demais áreas técnicas, a participação feminina continua sendo amplamente desvalorizada. Das mais de 450 indicações na história do Oscar em Melhor Direção, apenas nove mulheres foram indicadas e somente três venceram até o ano de 2026, representando cerca de 3% da categoria (FORBES BRASIL, 2026). Além da direção, outras áreas técnicas também apresentam baixos percentuais de reconhecimento feminino, como Trilha Sonora (3%), Efeitos Visuais (5%) e Som (6%).

Com base na discussão proposta, observa-se que a permanência de determinados modelos de feminilidade e das desigualdades nos bastidores do mercado cinematográfico está relacionada, em parte, à atuação da indústria cultural na produção e disseminação de estereótipos presentes nas revistas, na publicidade, na televisão e no cinema. O ideal de beleza ainda se associa à juventude, à magreza e à atratividade física, enquanto o casamento e a maternidade permanecem como exemplos de expectativas sociais. Embora esses padrões tenham sido questionados nas últimas décadas, continuam presentes no imaginário social como referências de aceitação, submetendo o corpo feminino e seus papéis sociais a constantes processos de adequação às expectativas vigentes.

> O que se conclui é que foram os homens os produtores das representações femininas existentes até hoje, e essas estão diretamente associadas às formas de a atual mulher ser, agir e se comportar. O que se discute é o fato de a mulher contemporânea buscar se enquadrar em uma imagem projetada de mulher que, na verdade, é aquela que eles gostariam que ela fosse, a partir de representações femininas cunhadas pelos meios de comunicação e, principalmente, pelo cinema. (GUBERNIKOFF, 2009, p. 67)

Essas construções simbólicas, produzidas e disseminadas pelos meios de comunicação, dialogam com um dos pilares do cinema *hollywoodiano* clássico nas décadas de 1930 e 1940: o *American way of life.* Neste âmbito, um dos arquétipos propagados envolviam a imagem da mulher como recatada, dedicada ao lar e responsável pelos cuidados com o marido e os filhos. O cinema, enquanto difusor de ideologias, constitui uma ferramenta importante na propagação de ideais que fomentam a opressão e reforçam as divisões sociais entre os papéis atribuídos aos homens e às mulheres, como afirma Douglas Kellner (2001) “diz-se que as mulheres por natureza são passivas, domésticas, submissas etc., e que seu domínio é a esfera privada, o lar, enquanto a esfera pública é reservada aos homens, supostamente mais ativos, racionais e dominadores” (p. 84).

A tela cinematográfica, através do *male gaze,* abrigou o desejo e a visão fetichista, que serviam exclusivamente o patriarcado, como explica De Lauretis (1984) “A mulher é enquadrada pelo olhar da câmera como um ícone, ou objeto do olhar: uma imagem feita para ser olhada pelo espectador, cujo olhar é arrevesado pelo olhar do personagem masculino. O último não só controla os eventos e a ação da narrativa, mas é o “suporte” do olhar do espectador” (p. 139). Assim, o cinema tornou-se, simultaneamente, um espaço de referência e aprisionamento da identidade feminina (LOURO, 2000), na medida em que ele passou a produzir modelos de comportamento e a converter a mulher em uma mercadoria simbólica, cuja imagem era moldada pelos interesses do capitalismo e pelas normas patriarcais.

Portanto, o cinema ainda é frequentemente compreendido como uma arte masculina, não porque os homens detinham exclusividade sobre sua produção, mas porque sua estrutura histórica, seus mecanismos de poder e suas formas de representação foram construídas sob a ótica dominante. Embora as mulheres desempenhem funções fundamentais nos bastidores da indústria, atuando como diretoras, editoras, roteiristas e produtoras, contribuindo para desconstruir estereótipos associados à imagem feminina dentro e fora das telas, suas conquistas ainda são frequentemente recebidas com admiração e surpresa. A presença feminina em posições de destaque permanece, em muitos casos, sendo percebida como algo excepcional, especialmente quando mulheres alcançam premiações e espaços historicamente ocupados majoritariamente por homens. Logo, torna-se fundamental incentivar e ampliar a participação feminina na indústria cinematográfica, criando condições favoráveis para que mais mulheres possam se desenvolver e ocupar posições de protagonismo. A ampliação desses espaços contribui não apenas para a desconstrução dos estereótipos associados ao feminino, mas também para que as novas gerações possam vislumbrar a possibilidade de ocupar esses lugares e, sobretudo, contar suas próprias narrativas.

Além disso, é importante salientar que a presente pesquisa se fundamenta em um recorte bibliográfico e em um levantamento de dados voltados à indústria cinematográfica *hollywoodiana*. Nesse sentido, como possibilidade para estudos futuros, destaca-se a necessidade de ampliar a investigação para além da perspectiva do cinema norte-americano, contemplando o contexto brasileiro e as especificidades culturais e sociais que atravessam a representação da mulher nas produções cinematográficas nacionais. Essa ampliação permitirá compreender de que maneira os padrões de feminilidade, os estereótipos de gênero e as relações de poder são reproduzidos ou ressignificados nas telas brasileiras.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa é um dos principais recursos da experiência humana, contribuindo para a construção da sociedade e de seus ideais. Desde a Antiguidade, nas narrativas das sociedades patriarcais, as mulheres eram frequentemente destinadas à contemplação ou subordinadas ao destino dos protagonistas. Ao incorporar tais estruturas, o cinema reafirma a narrativa como elemento essencial da produção cinematográfica, uma vez que é por meio dela que se produzem sentidos e se estabelecem conexões com o espectador. É também nas narrativas que a sociedade reflete seus valores, por meio da produção e disseminação de significados.

Desse modo, podemos compreender que o cinema *hollywoodian*o constitui uma importante engrenagem social. Para além de sua função de entretenimento, é um grande produtor de signos, valores e ideologias que participam da construção do imaginário social. Ao longo da história, as narrativas, sob a influência do olhar dominante, atribuíram diferentes modos de feminilidade, associados, em sua maioria, à domesticidade, à sexualização, à submissão e à aparência. Esse processo foi responsável por contribuir para a construção da identidade da mulher moderna e para sua percepção enquanto sujeito social, ainda que, em grande parte, tenha contribuído para sua subjugação.

Entretanto, isso não impediu as mulheres de lutar por seus espaços e construir suas próprias histórias. A partir da análise histórica, é possível observar que a representação feminina passou por inúmeras transformações, marcadas por avanços e retrocessos. As mulheres que, no início de Hollywood, pareciam inofensivas e estáticas, ganharam novas camadas durante o apogeu da Era de Ouro, tornando-se personagens vorazes, inteligentes e fulminantes, embora ainda estivessem, em grande parte, a serviço de um elemento masculino e até mesmo retratadas de modo pejorativo. Além disso, essas representações, atreladas às estrelas de cinema, foram responsáveis por movimentar o mercado capitalista, induzindo as espectadoras ao consumismo e à tentativa de se assemelharem às figuras que tanto admiravam. Essa lógica, contudo, não era por acaso, tendo em vista que o público feminino constituía um dos principais segmentos de interesse da indústria e, consequentemente, um importante mercado consumidor dos produtos e estilos de vida promovidos pelas telas.

Essa perspectiva, marcada pelo machismo, passou a ser amplamente questionada, sobretudo a partir da segunda onda feminista, iniciada nos anos 1960, quando as mulheres passaram a contestar os modelos de feminilidade estabelecidos e a debater a maneira como eram representadas nas telas. É nesse movimento de contestação que elas buscam assumir

a liderança de suas próprias histórias e promover seus próprios olhares sobre a feminilidade, trazendo para o debate temas como igualdade, liberdade sexual e autonomia.

Apesar das inúmeras conquistas decorrentes do reavivamento do movimento feminista, os dados apresentados ainda demonstram que os espaços destinados às mulheres nos bastidores permanecem limitados em Hollywood. Como apresentado, apenas 10% dos diretores dos 100 maiores filmes de 2025 eram mulheres, evidenciando que a ampliação da presença feminina nos espaços de decisão não constitui apenas uma questão de representatividade profissional, mas também uma possibilidade concreta de diversificar as perspectivas a partir das quais as histórias são construídas. Desse modo, compreendemos que a transformação das narrativas femininas está relacionada não apenas à maneira como as mulheres são representadas, mas também a quem as representa.

Portanto, desconstruir os modelos de feminilidade cristalizados pelo cinema não significa negar a importância histórica dessas representações, mas compreendê-las criticamente como construções socioculturais e propor mudanças nesse cenário. A inserção de mulheres em posições de destaque, especialmente nos espaços de decisão e criação, representa um passo fundamental para a ressignificação dos arquétipos tradicionalmente associados ao feminino. Mais do que ocupar as telas, é necessário ocupar os lugares de onde as histórias são pensadas, escritas e dirigidas. É nesse movimento que o cinema pode deixar de reproduzir exclusivamente um olhar historicamente dominante e tornar-se um espaço mais plural, no qual as mulheres não sejam apenas personagens de suas narrativas, mas também autoras de suas próprias histórias.

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernanda; KRUNFLI, Mariana. Mulheres levaram menos de 18% dos principais prêmios na história do Oscar. *Forbes Brasil*, 28 fev. 2025. Disponível em: https://forbes.com.br/forbes-mulher/2025/02/mulheres-levaram-menos-de-18-dos-principais-premios-na-historia-do-oscar/. Acesso em: 9 maio 2026.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, Roland et al. *Análise estrutural da narrativa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011. p. 19-62.

BARTHES, Roland. *Mitologias*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

DE LAURETIS, Teresa. *Alice Doesn't: Feminism, Semiotics, Cinema*. London: The Macmillan Press, 1984.

FERRO, Fernanda Ianoski. A dominação patriarcal do olhar: uma abordagem do film noir estadunidense sob a perspectiva da crítica feminista de cinema. *Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*, [S. l.], v. 10, n. 1, 2021. Disponível em: https://periodicos.ufac.br/index.php/tropos/article/view/4599. Acesso em: 8 ago. 2026.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

GUBERNIKOFF, Giselle. A imagem: a representação da mulher no cinema. *Conexão – Comunicação e Cultura*, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, jan./jun. 2009. Disponível em: https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/113. Acesso em: 7 jun. 2026.

GUBERNIKOFF, Giselle. *Cinema, identidade e feminismo*. São Paulo: Editora Pontocom, 2016.

KAPLAN, E. Ann. *A mulher e o cinema: os dois lados da câmera*. Tradução de Helen Marcia Potter Pessoa. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KELLNER, Douglas. *Media culture: cultural studies, identity and politics in the contemporary moment*. 2. ed. New York: Routledge, 2020.

KRUNFLI, Mariana. Oscar 2026: mulheres são cerca de 30% dos indicados. *Forbes Brasil*, 22 jan. 2026. Disponível em: https://forbes.com.br/forbes-mulher/2026/01/oscar-2026-mulheres-sao-cerca-de-30-dos-indicados/. Acesso em: 9 maio 2026.

LAUZEN, Martha M. *The Celluloid Ceiling: employment of behind-the-scenes women on top grossing U.S. films in 2025*. San Diego: Center for the Study of Women in Television and Film, 2026. Disponível em: https://womenintvfilm.sdsu.edu/the-celluloid-ceiling-employment-of-behind-the-scenes-women-on-top-grossing-u-s-films-in-2024-2/. Acesso em: 9 maio 2026.

LOURO, Guacira Lopes. Cinema como pedagogia. In: LOPES, Elaine Marta Teixeira; FILHO, Luciano Mendes de Faria; VEIGA, Cynthia Greive (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 423-446.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: XAVIER, Ismail (org.). *A experiência do cinema: antologia*. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2018. p. 420-439.

ROCHA, A. A. da. A Era de Ouro de Hollywood: história e modo de produção da indústria cinematográfica dos Estados Unidos (1910-1950). *Comunicologia*, [S. l.], v. 12, n. 1, p. 19-34, 2019. DOI: 10.31501/comunicologia.v12i1.10373. Disponível em: https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rceucb/article/view/10373. Acesso em: 16 ago. 2026.

Contatos: 10420278@mackenzista.com.br e maria.freire@mackenzie.br